

Pajelança em Roraima: crer ou não crer

Antropólogos, sociólogos e índios discutem a eficácia dos rituais milenares da chuva, que sobrevivem em várias partes do mundo

Beth Veloso
Da equipe do Correio

A maioria dos homens brancos não acreditou. Mas o certo é que depois da longa estiagem e do incêndio que durante 63 dias transformou Roraima numa grande fogueira, os pajés caiapó Kukrit e Mati-i foram para a beira do rio e pediram chuva, na noite de 30 de março, uma segunda-feira. E a chuva caiu na madrugada seguinte, apagando 95% dos focos de incêndio. Deixou acesos apenas uns poucos que ainda resistem nas áreas de savana, no Norte do estado.

Eficazes ou não, os rituais de chamar chuva continuam vivos em vários lugares do mundo. "E funcionam", chega a afirmar o antropólogo José Jorge de Carvalho, professor da Universidade de Brasília (UnB), especialista em religião, arte e cultura afro-americana e estudioso das tradições mística e esotérica. Ou melhor, ressalva o antropólogo: funcionam, mas não sempre. "Nem toda vez que você

faz chover, chove. Como nem toda vez que você vai ao médico, o médico te cura."

O sentido dos rituais indígenas, seja de que etnia for, é invocar a paz, a harmonia, a cura, e não apenas fazer chover. Também podem servir para o mal. Ou simplesmente para exercitar a espiritualidade dos pajés, vistos como verdadeiros magos. "Muitas vezes os pajés não exercem apenas uma atividade utilitária. Eles fazem o chamamento para entrar em contato com outros espíritos", afirma o antropólogo Julio Cesar Melatti, autores de inúmeros livros, como *Índios do Brasil*. Melatti, no entanto, é cético quanto aos resultados da pajelança da chuva: "Depende da fé de cada um. Fazer chover, eu acho que é coincidência".

Para o líder indígena Marcos Terena, organizador do I Encontro Nacional de Pajés, que acontecerá de 15 a 18 deste mês, em Brasília, não é o índio que faz chover. "Quem manda é o criador, é a natureza. A gente pede. Não é uma coisa mágica", esclarece.

Segundo Terena, os rituais dão certo por causa da relação íntima do índio com a natureza. "Algumas tribos acham que a terra tem coração. A aldeia é a morada do espírito", explica.

MISTÉRIOS

Em qualquer país, os rituais são um elo entre passado e presente e as forças da natureza. Por isso, confundem-se com religião, o território da eterna luta entre o bem e do mal, Deus e o diabo. "Para o mundo da religião, o cosmos está sempre ameaçado pelo caos. O papel desses rituais é dramatizar o momento em que se consegue a vitória sobre essas forças desintegradoras", afirma José Jorge.

Na antropologia, depois de séculos de estudo, ainda há divergências sobre a eficácia dos rituais, como a pajelança, já que não há uma explicação racional para esses fenômenos. "É mais fácil provar que funciona do que como funciona", diz o professor José Jorge.

Por mais que tente desvendá-los,

a sociedade moderna e tecnológica também tem seus segredos, mitos e mistérios que a ciência não consegue decifrar. De onde viemos persiste como uma dúvida clássica e elementar. A Bíblia, o maior best-seller do mundo, é também o mais difícil de se explicar e entender. Im-

"NEM TODA VEZ QUE VOCÊ FAZ CHOVER, CHOVE. COMO NEM TODA VEZ QUE VOCÊ VAI AO MÉDICO, O MÉDICO TE CURA"

José Jorge de Carvalho,
antropólogo

potente, a mente se rende ao espírito. Pela primeira vez, cientistas, como médicos americanos e canadenses, traem seu ceticismo e ateísmo e começam a admitir que a fé move montanhas — ou pelo menos ajuda a curar doenças graves.

"Tudo que nós somos é resultado do que pensamos", pregava Buda, o príncipe hindu que trocou a riqueza do mundo material por uma vida de meditação e abnegação. Sem encontrar a verdade absoluta, o homem tergiversa, se abstrai. Pelo mundo afora, as religiões se multiplicam às custas do misticismo: bu-

dismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo, taoísmo, umbanda, sem falar dos fiéis tradicionais — católicos, evangélicos e espíritas.

O sociólogo Eurico Gonzalez dos Santos, professor da UnB, acredita que as credences são fruto do fracasso da razão. Ou seja, da incapacidade do homem de resolver seus próprios problemas. "O nosso projeto de sociedade moderna nunca funcionou direito. E isso abre espaço para que crenças mágicas ocupem o lugar das soluções", afirma.

Não há diferença alguma, compara o sociólogo, entre o índio que dança para chover e o homem que sobe a escada da igreja de joelhos para alcançar uma graça divina. "São formas semelhantes de constanger a entidade para ter a satisfação dos seus interesses", analisa o sociólogo.

É esse o truque, na avaliação de Santos, para que os pajés, magos, sábios e adjacentes não caiam em descrédito na primeira falha. Ao contrário dos médicos, não se espera deles um resultado líquido e certo. "Eles são apenas um brinquedo, um instrumento na mão de uma entidade maior. A magia não se impressiona como os fracassos", diz.

Imediatista, fatalista, preguiçoso, mestiço, supersticioso, macunaímico. Segundo Santos, o brasi-

leiro é a morada perfeita das credences. O Brasil é o país das benzedoiras, que rezam sussurrando. Do homem que encarna o doutor Fritz, médico alemão, e atrai até ex-presidentes (como João Figueiredo). Do bicho-papão e saci-pererê, o mais famoso personagem do folclore brasileiro: negro de carapuça vermelha e uma perna só que gosta de pitar o cachimbo e assustar os intrusos da floresta.

"As credences são muito difundidas na cultura brasileira, por sermos um país de formação católica. A Igreja nunca tentou erradicar essas credences, mas domesticá-las", analisa o sociólogo Santos.

Um bom exemplo da credence domesticada é a promessa, pela qual o devoto tenta estabelecer uma barganha com o santo. Já as crenças dos índios têm um pé na realidade: os sinais da natureza. Como os sertanejos, eles sabem a hora que vai chover pelo vento. Ouvem dos passarinhos. Do outro lado do mundo, os chineses pressentem pelo comportamento dos bichos a chegada ameaçadora de terremotos. Como se vê na cena em que os ratos guiam os naufragos do *Titanic*, do premiado filme de James Cameron, o animal não tenta entender a natureza, como o ser humano. Mas a conhece como ninguém.

Os senhores do tempo

No final da tarde de 30 de março, Kukrit e Mati-i, pajés caiapó convocados para fazer chover e apagar o megaincêndio de Roraima, desceram do quarto do hotel em Boa Vista carregando cipós, taquaras e outros galhos, trazidos de sua aldeia. Calados, embarcaram na camionete da Funai e foram para o rio Curupira, que banha a capital do estado.

O ritual começou às 21h e durou cerca de meia-hora. Os índios molhavam os cipós na água e os balançavam no ar, para cima e para baixo, como um padre espalhando água benta.

De volta ao hotel, os pajés informaram que choveria antes do dia amanhecer. Aos que perguntaram o quanto choveria, Kukrit respondeu, convicto: "Muito, muito". E antes do dia amanhecer, choveu muito, muito.

Longe de Roraima, na fria Patagônia ou na exótica Austrália, os rituais de fazer brotar água dos céus também são praticados há milênios. E levados muito a sério.

Mesmo vivendo num país altamente industrializado e tecnologicamente desenvolvido, os aborígenes australianos conservam o saber ancestral. Em momentos de crise, podem ficar semanas caminhando

no deserto, pintados com vários cores, dançando e cantando para acordar a terra, no que chamam de "viagem de sonho". Assim, em contato com os espíritos de seus antepassados, eles fazem os pedidos — de chuva, por exemplo.

O ritual dos índios maputi, na Patagônia, fronteira do Chile com a Argentina, também pode durar vários dias. Eles fincam um enorme mastro de madeira na savana, simbolizando o centro do mundo. Acampam em volta e dançam na preparação para chamar a chuva. Que só chega quando os maputi atingem a integração cósmica.

Na Colômbia, os curripacu "nos trovões. Certa vez, uma antropóloga americana quis gravar o cântico do xamã (pajé, o líder espiritual da tribo) que faz descarregar a energia elétrica do céu.

Deitado na rede, o xamã assim ficou. Diante da insistência da moça que queria voltar para a Venezuela, levantou-se, postou-se à beira do rio, puxou o maracá (chocalho) e fez sua pajelança. Trovejou em cima do gravador. A vingança foi testemunhada ao vivo e a cores por Jonathan Hill, um conceituado antropólogo norte-americano. (BV)

Ronaldo de Oliveira 31.03.98



Os pajés caiapó Kukrit e Mati-i, que fizeram o ritual para chamar a chuva e acabar com o incêndio: poderes sobrenaturais ou mera coincidência?